



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



Igreja de Santo Antônio ou Igreja Velha de Canudos: uma joia da arquitetura religiosa vernacular do século XIX atribuída a Antônio Conselheiro

Jadilson Pimentel dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Bahia

Resumo: Em Belo Monte existiam duas igrejas erguidas pelo Conselheiro e seu povo. Localizadas no centro do arraial, essas igrejas marcavam o espaço da cidade mais sagrado. Foi nesses templos que se concentrou a resistência conselheirista nos últimos dias de combate, quando, enfim, despencou o campanário da Igreja Velha. Extinto o último foco de resistência da cidadela, as igrejas apresentavam-se furadas de balas, de tiros de canhão e com raras paredes em pé. A primeira obra arquitetônica de porte, no arraial do Belo Monte, foi a Igreja de Santo Antônio. Edificaram-na para substituir a antiga capelinha já em ruínas que fora feita por gente da Torre de Garcia D'Ávila. Ficou conhecida como Igreja Velha, contrastando com a Igreja Nova, denominada de Igreja do Bom Jesus. A história desse templo é deveras conhecida, pois, quando o penitente por ali passou, prometeu ao negociante de couro, Antônio da Mota, de quem foi hóspede, que voltaria para levantar uma capela, pois a existente era minúscula. Sua promessa foi cumprida; e com o fim da construção veio o beato a

se fixar, em 1893, nesse torrão sertanejo, às margens do Rio Vaza-Barris. O próprio Bom Jesus Conselheiro confessou sobre a construção de tão bela obra, sendo inclusive registrada em seu livro de sermões que chegou aos nossos dias. As construções religiosas do Belo Monte, embora não existam mais, ficaram registradas no imaginário popular através do contar e recontar de suas memórias pelos seus descendentes. Os poetas populares do sertão informam sobre vários aspectos da cultura canudense. Falam das obras erigidas em Canudos pelo peregrino, dentre elas a Igreja de Santo Antônio que se tornou a edificação mais evoluída da nação conselheirista; suplantando até mesmo as de outras regiões.

Palavras-chave: Arquitetura Religiosa; Arte e Cultura Popular; Antônio Conselheiro.

Abstract: In Belo Monte there were two churches built by the Advisor and its people. Located in the center of the camp, these churches marked the holiest city space. It was in these temples which focused conselheirista resistance in recent days of combat, when finally dropped the steeple of the Old Church. Extinguished the last pocket of resistance of the citadel, churches presented themselves pierced with bullets, cannon shots and with few walls standing. The first architectural work of businesses, the camp of the Belo Monte was the Church of St. Anthony. Built-in to

replace the old chapel in ruins that had been made by people of the Tower of Garcia D'Ávila. It became known as the Old Church, contrasting with the New Church, called the Church of Bom Jesus. The history of this temple is indeed known, because when the penitent passed through there, the dealer promised Leather, Antonio da Mota, who was the guest, he would return to raise a chapel, for existing was tiny. Her promise was fulfilled, and with the end of construction Blessed came to settle in 1893, this lump backcountry, the River Vaza-Barris. The Bom Jesus himself confessed Advisor about building such a beautiful work, including being recorded in his book of sermons that reached our days. The religious buildings of Belo Monte, although there are no more, were recorded in the popular imagination through the telling and retelling their memories of their descendants. Poets popular backcountry report on various aspects of culture canudense. They speak of the works erected in Straws by pilgrim, among them the Church of St. Anthony which became the most developed nation building conselheirista, surpassing even those of other regions.

Keywords: Religious Architecture, Art and Popular Culture, Councillor Anthony.

O BELO MONTE

Como um oásis encravado no deserto, Belo Monte ficou conhecida como a “Cidade Santa” sertaneja, a “Jerusalém” dos mestiços, negros, índios e muitos camponeses espoliados pelo sistema. As virtudes de Canudos chamavam um número relativamente grande de pessoas de todo o sertão nordestino. Dizia-se em toda a região que no Belo Monte o “céu desceu” e que existiam “rios de leite e barrancas de cuscuz”. O arraial crescia num ritmo frenético. Continuamente chegavam grupos de pessoas de todas as partes. A Igreja Velha, cujo orago era Santo Antônio, logo se tornou pequena para a multidão, que à noite, se reunia pra cantar as ladainhas e ouvir as pregações de Conselheiro.

Na última década do oitocentos, foi iniciada a construção da Igreja Nova ou do Bom Jesus. As doações para as obras vinham de vários pontos do Estado, arrecadadas em missões executadas por homens da confiança do Conselheiro, como José Beatinho, Pedrão, José Venâncio e Manoel Ciriaco. A praça das igrejas era o centro espiritual e político da comunidade e era circundada por inúmeros becos estreitos e entrelaçados, compostos de casas de taipa, que eram construídas de forma desordenada e em grandes mutirões.

Depois de a comunidade ter se estabelecido em Belo Monte, a partir de 1893, o Conselheiro e seu séquito sofreram inúmeras perseguições. Muitas foram as expedições enviadas pelo governo para exterminar

Canudos. Vencendo mais de três incursões militares, o arraial só viria, de fato, ao extermínio total, na quarta investida, sem, no entanto, se render.

Uma das justificativas para o início dessas expedições foi irrelevante. Antônio Conselheiro precisava de madeira para a Igreja do Bom Jesus em construção e a encomendou em Juazeiro. O pagamento foi antecipado, mas, no prazo estabelecido, a madeira não foi entregue. Espalhou-se o boato de que a cidade seria invadida pelos conselheiristas. O juiz local, Arlindo Leone, tinha antigas divergências com o beato e resolveu estimular o pânico na cidade. Grande parte dos moradores resolveu atravessar o Rio São Francisco, refugiando-se em Petrolina. Criado o clima propício, o juiz solicitou tropas policiais e foi atendido pelo governador Luís Viana.

A guerra total de Canudos durou cerca de um ano. Muitos dos jornais do país enviaram correspondentes ao cenário da luta e as notícias não conseguiam explicar tanta dificuldade e demora de um Exército bem equipado em destruir um reduto sertanejo. As perdas militares eram extraordinárias, e a impaciência e o cansaço tomavam conta de todos.

O que sobrou do arraial foi um amontoado de escombros e corpos carbonizados impregnando os ares do sertão de um cheiro indescritivelmente podre. Os urubus formavam nuvens negras, naquelas paragens, e nem assim davam conta de devorar os milhares de corpos que secavam ao sol.

IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, A VELHA

Segundo Fontes (2006), o frei Evangelista do Monte Marciano e o padre Vicente Sabino, testemunharam o trabalho dos conselheiristas na construção do templo do Bom Jesus, na praça das igrejas. Sendo assim, Canudos possuía, em 1896, quando foi deflagrada a guerra, um pequeno santuário e as Igrejas de Santo Antônio e do Bom Jesus, esta última, não concluída.

Referindo-se ao santuário, Calasans (1997, p.141), diz que embora os pesquisadores não façam referência a uma terceira capela, ela de fato existia e fora levantada antes da chegada dos seguidores de Antônio Vicente. Ainda de acordo o autor, essa construção era muito pequena e por isso mesmo o Conselheiro, quando por ali apareceu, comprometeu-se com alguns habitantes a erguer uma casa de orações bem maior cumprindo a promessa posteriormente.

Todavia, a capela primitiva não foi destruída e ganhou a denominação de Santuário, com seu antigo altar e um grande número de imagens católicas. Ao lado do Santuário havia um pequeno quarto onde ficou morando o santo profeta. Foi ai também, onde ele morreu e foi enterrado pelos fiéis, envolvido numa esteira de palha da costa, com seu camisolão azul, seu crucifixo, e suas alpercatas de couro.

A primeira obra arquitetônica de porte, no arraial do Belo Monte, foi a Igreja de Santo Antônio (Figura 01 e 02). Edificaram-na para substituir a antiga capelinha já

em ruínas que fora feita por gente da Torre de Garcia D'Ávila.



Figura 1 - Fachada da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte, Flávio de Barros. Fonte - Arquivo Histórico da República - RJ, 1987.



Figura 2 - Reconstituição da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte a partir da obra de Flávio de Barros. Fonte - Everton Silva, 2011.

Na fala de Calasans (1997, p. 70), a história desse templo é, deveras, conhecida. Segundo suas informações, quando o penitente por ali passou, assegurou ao negociante de couro, Antônio da Mota, de quem foi hóspede, que voltaria para levantar uma capela, pois a existente era minúscula. Sua promessa foi cumprida; e com o fim da construção veio o beato a se fixar, em 1893, nesse torrão sertanejo, às margens do Rio Vaza-Barris.

Pelo que se pode apurar, sua construção deve ter se iniciado pelos ocasos da década de 1880 e sua inauguração é datada pelos especialistas como sendo do ano de 1893, havendo, porém, controvérsias quanto a data de sua conclusão.

Segundo uma carta existente nos arquivos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia datada de 10 de março de 1893, Antônio Conselheiro orientava o beato Paulo José da Rosa sobre como proceder em seus trabalhos, no concernente à construção da Igreja Velha. É sabido que Conselheiro só chegou com sua comitiva, fixando moradia em Canudos, nos primeiros dias de junho. A pequena igreja que estava sob a responsabilidade de José Beatinho, encontrava-se terminada, porém não sagrada, fato que só se efetivaria no mês de agosto.

Calasans (1997, p. 70) admite que a benção do templo, tenha, provavelmente, se dado pelo Vigário do Cumbe, padre Vicente Sabino dos Santos, e que a festa de sagração foi um grande acontecimento com muitos batizados, casamentos e pronunciamento por parte de Antônio Conselheiro.

Quanto ao seu construtor, não se tem nenhuma dúvida. O próprio Bom Jesus Conselheiro confessou sobre a construção de tão bela obra, sendo inclusive registrada em seu livro de sermões, o qual chegou aos nossos dias. No volume cujo título é *Tempestades que se Levantam no Coração de Maria por ocasião do Mistério da Anunciação*, mais especificamente na terceira parte, lê-se o seguinte:

Sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, Padroeiro de Belo Monte.

Seria sem dúvida uma consideração mui mal entendida, se eu me conservasse em silêncio com relação ao assunto que a faz objeto de tanto júbilo no dia de hoje, como indigno encarregado da construção da igreja de Santo Antônio, padroeiro deste lugar, cuja obra se acha feita em virtude do poderoso auxílio do Bom Jesus, se no ato de receber a chave da igreja do seu servo eu deixasse de publicar as maravilhas de tão belíssima pessoa. [...] Foi o Bom Jesus (nutro a mais íntima satisfação de declarar-vos) que tocou e moveu os corações dos fiéis para me prestarem as suas esmolas e os seus braços a fim de levar a efeito a obra de seu servo. [...] Impossível seria, eu fazer a Igreja de Santo Antônio se o Bom Jesus deixasse de prestar-me o seu poderoso auxílio. Aqueles, porém, que concorreram com as suas esmolas e com os seus braços, podem estar certos que o Bom Jesus os recompensará generosamente; eles devem ficar plenamente satisfeitos por terem concorrido para a construção da igreja do servo do Senhor, na doce esperança de um dia serem participantes da sua glória, à vista do seu testemunho que demonstra o zelo religioso que tanto os caracteriza. O dia de hoje, fiéis, nos vem comemorar tão belo acontecimento para nossa religião santa, quando se trata de realização de um templo tão útil, tão aceitável e agradável a Deus. [...] Vejam, fiéis, se não é de grande utilidade e agradável aos divinos olhos do nosso Bom Deus a construção dos templos. À vista destas verdades quem deixará de concorrer para a construção dos templos? Quem ainda se nutrirá da tibieza e indiferentismo para fim tão útil e importante, que se bem considerasse a criatura os merecimentos que em vida mesmo alcança de Deus, certamente não deixaria de concorrer com suas esmolas e com os seus braços para a construção de tão belas obras. (Maciel apud NOGUEIRA, 1974, p. 170-173)

Um correspondente do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Manuel Benício (1997), enviado a Canudos

por ocasião da Guerra, a descreve de maneira simpática quando diz que “a igreja velha, a seu modo elegantezinha e de bom aspecto, contrasta sua deslumbrante alvura com o avermelhado das habitações”.

As construções religiosas do Belo Monte, embora não existam mais, ficaram registradas no imaginário popular através do contar e recontar de suas memórias pelos seus descendentes. A poesia de Sara (1963) informa sobre vários aspectos da cultura canudense. Fala, das obras erigidas em Canudos pelo peregrino, dentre elas a Igreja de Santo Antônio, a Igreja Velha.

A edificação religiosa dedicada a Antônio tornou-se, todavia, a mais evoluída da nação conselheirista; suplantando até mesmo as de outras regiões. No meio das construções simples e terrosas de Canudos ela se destacava luminosa, tendo a sua frente o elegante cruzeiro; e a contemplar o grandioso e monumental templo do Bom Jesus. Conforme o depoimento de alguns correspondentes de jornais, já a encontraram, em julho de 1897, nos momentos finais da guerra, castigada pelo bombardeio intenso.

O fundo ruíra totalmente, a parte lateral direita estava desabando... a cruz voara como um tiro e o capitel da cúpula da torre também sumira. A única torre, de aspecto singelo, mas fortíssima construção, estava ainda erecta... o sino lá estava pendurado. (Soares apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p. 113).

Ainda segundo o mesmo autor, essa torre foi derrubada por tiros de canhão, juntamente com o sino e o próprio sineiro, e, mais tarde, no fim do conflito, como a outra igreja, foi inteiramente dinamitada.

Com área aproximada de 110 m² contava, a Igreja Velha, com uma nave central irregular e capela-mor, constituindo corpos laterais assimétricos, não propriamente corredores, bem como um anexo ao fundo, sugerindo tratar-se de uma sacristia que comunicava-se à nave através de uma porta no pátio lateral.

Apresentando uma fachada com três portadas ecimadas por três janelas, esse templo lembra a estrutura delicada de outra igreja erigida anteriormente pelo beato: Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó. Pode-se até afirmar que as duas adotaram o mesmo partido tipológico, existindo poucas diferenças entre ambas.

O que chama atenção é o fato de que, por estarem situadas no alto sertão, elas apresentam uma ornamentação mais rebuscada; levando-nos à seguinte dedução: quanto mais próximas do litoral, mais neoclássica é a feição dessas obras, e quanto mais distantes do mar, e mais próximas do Rio São Francisco, ou em direção a Pernambuco, mais influenciada pelo barroco será a sua linguagem arquitetônica.

O frontispício de Santo Antônio de Canudos apresentava-se em dois planos com decoração em volutas contendo curvas e contracurvas deveras graciosas, as quais nos remetem ao *décor* Barroco/Rococó. No coroamento do frontão, erguia-se uma cruz em madeira que dialogava com a do cruzeiro à frente do templo.

Estiveram presentes na construção desse edifício variados artífices, dentre eles Manuel Faustino e Manuel Gonçalves, os quais fizeram com que a obra se tornasse a mais elaborada e bem acabada das erigidas até então.

Sobre os artesãos do Belo Monte, Galvão (2001, p.51, 52) declara que entre os muitos que labutaram na arquitetura pia do Conselheiro, o nome mais importante que a história reteve é o do Manuel Faustino, mestre-de-obras que, por delegação do líder, presidiu os trabalhos tanto na igreja do arraial do Bom Jesus de Crisópolis, incluindo o cruzeiro que lhe fica defronte e que assistiu à pregação do Conselheiro, como da Igreja Velha em Canudos.

Como o templo de Santo Antônio foi dinamitado e não ficaram registros visuais sobre o interior do mesmo, não temos como discorrer sobre sua decoração interior. Pelos relatos feitos deduzimos que se assemelhasse, um pouco, com a decoração do templo de Crisópolis (Figura 03), pois conforme o depoimento de alguns sobreviventes, as flores em talha que o mestre Faustino aí produziu, eram uma das



Figura 3 - Coroamento do retábulo-mor da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.
Autoria: Manuel Faustino, século XIX. Fonte - Jadilsom Pimentel dos Santos, 2009.

marcas preferidas do Conselheiro e estavam presentes em outros templos.

A Igreja Velha de Canudos, projetada em pedra, cal e tijolos, contou ainda com a utilização de pedras de calcário trabalhadas (cantarias) e apliques diversos. Dois imponentes coruchéus ladeavam a sua frontaria e frisos à moda grega eram ricamente trabalhados com meandros ondulados. Também estavam presentes símbolos como: monogramas, brasões, quiçá em homenagem ao império, e uma cartela com a data do término da obra, detalhe recorrente nas obras conselhiristas.

No lado esquerdo, elevava-se uma compacta e graciosa torre-campanário, donde soavam as melodias do sino atraindo os fiéis para os momentos das preces. Contrapondo o pensamento e visão equivocada de Cunha (2002), que afirmava que a edificação de Santo Antônio era frágil, pequena e de aspecto modestíssimo, podemos constatar que tais ideias não se confirmam. Pelo contrário, erguida e talhada naqueles confins do sertão, levando em consideração as adversidades, pode-se concluir que esse templo configurava-se como um milagre da arquitetura dos sertanejos.

Referências Bibliográficas:

BENÍCIO, Manoel. O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. [Edição fac-similar do Jornal do Comércio, 1899]. Brasília, Senado Federal, 1997.

CALASANS, José. Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios. In: Cartografia de Canudos. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Editora Martim Claret, 2002.

FONTES, Oleone Coelho. O treme-terra: Moreira César, a República e Canudos. Prtrópolis: Vozes, 1996.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Walnice Nogueira. O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

MACIEL, Antônio Vicente Mendes. Tempestades que se Levantam no Coração de Maria por Ocasão do Mistério da Anunciação - Sobre o Recebimento da Chave da Igreja de Santo Antonio, Padroeiro do Bello Monte. In: Antônio Conselheiro e Canudos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

SARA, Jota. História da Guerra de Canudos. Euclides da Cunha: s/ed., 1963.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Centro de Estudos Euclides da Cunha. Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos. Salvador: UNEB, 2002.